

Indústria retoma estoques de insumos depois de trauma logístico da Covid

Empresas tentam se precaver se alta futura de preços de matérias-primas e evitar perder negócios

Fernanda Brigatti

SÃO PAULO Depois de anos mantendo estoques baixos de matérias-primas, empresas voltaram a ter insumos parados em armazéns. Sem as garantias de preço e prazo da pré-pandemia, os negócios voltaram a estocar peças para evitar o risco de um pedido não ser atendido por falta de material para produzir.

Quase dois anos depois do início da crise que desorganizou as cadeias de abastecimento, dificuldades com insumos ainda assombram as empresas. Em dezembro, 83% das micro e pequenas indústrias de São Paulo ainda relatavam alta de preços em matérias-primas, segundo pesquisa Datafolha para o Simpi (sindicato do setor). Para 51%, ainda havia falta de produto nos fornecedores.

A solução encontrada pela Invent Smart Intralogistics Solutions foi estocar o equivalente a um ano de peças em aço usadas na construção de esteiras eletrônicas, usadas em aeroportos e centros de distribuição logísticos.

A decisão, do início de 2021, foi tomada para evitar flutuações de preços e prazos acima de 90 dias para entrega. A cada baixa no estoque, a empresa prepara um novo pedido na sequência, para que o nível de material excedente seja mantido.

Além disso, a fábrica substituiu diversas peças metálicas por plástico duro. A produção foi internalizada a partir da compra de quatro impressoras 3D. As trocas exigiram uma elaborada adaptação dos projetos, mas valem a pena, diz o cofundador e vice-presidente de vendas, Augusto Giraldeello.

"A produção 100% em aço era uma espécie de commodity no mercado. Só que, além do preço, os prazos aumentaram muito. Tenho contratos com sanções caso não entregue ao cliente. Fomos obrigados a achar alternativas". No ano passado, sem caixas de papelão para embalar os materiais pedagógicos que produz em uma fábrica em Santo André (ABC), Cesar de Oliveira Guimarães, diretor executivo da MMP, precisou despachar pedidos acondicionados diretamente sobre os pallets de transporte.

"Hoje já encontro para comprar, mas com preço alto e demora na entrega. Minha programação financeira ficou mais comprometida, o que me obrigou a fazer compras maiores", diz. As caixas, que custavam R\$ 4,80 no início de 2020, agora saem por R\$ 8,80.

A alta no preço do polímero bruto usado na confecção dos materiais em plástico e EVA chegou a passar de 150%. Recentemente, o valor se estabilizou em patamares menores, mas ainda equivale ao dobro do que o praticado há dois anos, segundo o executivo.

Para evitar dor de cabeça, Guimarães diz ter aumentando o nível de estoque de matérias-primas e de produtos prontos. "Todo mundo sempre dizia que ter estoque é ruim, porque é dinheiro parado, mas nunca achei que fosse boa ideia não ter produto, porque minha venda é sazonal e não posso correr o risco de não fazer [o negócio]".

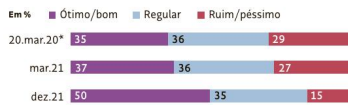
A sucessão de dificuldades levou a um prejuízo que, para ser estancado, exigiu que a empresa aumentasse os preços em 20%, em média. "Passei o ano segurando preço, mas quando vi, estava no negativo, e isso que não considero



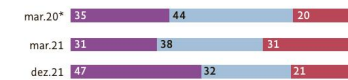
Cesar de Oliveira Guimarães, diretor-executivo da MMP, precisou despachar pedidos sem embalagem Foto Zanone Fraissat/Folhapress

Custo ainda pressiona micro e pequenas indústrias

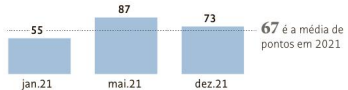
Avaliação geral dos negócios



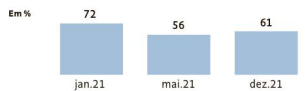
Faturamento do mês anterior



Índice de custos de produção
Quanto menor, mais empresas dizem estar sob pressão



Empresas que registraram alta significativa de custos



Empresas com dificuldade com alta de preço de matéria-prima



*A realização da pesquisa foi interrompida em 2020, após o início da pandemia. Fonte: Datafolha

o custo de estoque. Já sei que vou ter que fazer novo reajuste em alguns meses", diz Guimarães. É triste que os meus fornecedores dizem exatamente a mesma coisa: 'compra agora porque vai subir'."

Segundo a pesquisa do Simpi, além da alta de preços de matérias-primas, as micro e

pequenas indústrias também estão pressionadas pela elevação geral de custos. Gastos com água, energia elétrica, transporte e logística e mão de obra — tudo ficou mais caro.

"A elevação de custos foi a pior da série histórica. Vemos uma alta persistente, mês a mês, que ainda afeta quase



Augusto Giraldeello, da Invent Smart Intralogistics Solutions

85% das empresas", diz Joseph Couri, presidente do Simpi. Sondagem da CNI (Confederação Nacional das Indústrias) mostra que o nível de produção do setor, medido pela utilização da capacidade instalada, está em 68%. O percentual é menor do que os 70% registrados em 2020, mas está superior à média para meses de dezembro (67%).

Os estoques das empresas (que referem-se aos produtos prontos, não aos insumos para produção) ficaram em patamar estável e baixo. A escala criada pela CNI prevê que acima de 50 pontos há estoque superior ao planejado. Em dezembro de 2021, o índice ficou em 49,1 pontos.

Na avaliação do economista Rafael Cagnin, do Iedi (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial), as condições de estoque são menos graves do que há um ano e, em alguns setores, já estão próximos de um patamar confortável.

Esse indicador é importante porque ele sinaliza se os setores da indústria ainda estão vulneráveis aos repiques e gargalos da cadeia de distribuição. A variante ômicron do coronavírus, porém, que levou a uma nova disparada de casos da doença, torna mais imprevisível a normalização das cadeias de distribuição.

"Vem melhorando muito lentamente e o quadro já é menos agudo. Acho que ainda vai 2022 inteiro para estabilizar. Enquanto houver pandemia, esse será um risco."

Normalização das cadeias ainda deve demorar anos

Em todo o mundo, indústrias de diversos setores ainda correm para dar conta de novas demandas e problemas com fornecedores.

Na quinta (20), durante painel sobre o assunto no Fórum Econômico Mundial, o sultão Ahmed bin Sulayem, presidente-executivo da gigante da logística DP World, disse que a pandemia escancarou as fragilidades da cadeia de suprimentos e apostou que ainda levará cerca de dois anos para as condições melhorarem.

A digitalização do setor pode ser um dos caminhos, segundo ele. O processo envolve, porém, outra dificuldade agravada na pandemia: a falta de chips semicondutores.

Para a diretora-geral da OMC (Organização Mundial do Comércio), Ngozi Okonjo-Iweala, a reorganização das cadeias de suprimentos pode ser uma oportunidade de melhorar a distribuição dos negócios pelo mundo e integrar países em desenvolvimento.

Citando o presidente-executivo da Intel, Pat Gelsinger, que também participou do painel, ela afirmou: "Precisamos ver a cadeia de suprimentos não apenas como um problema, mas como uma oportunidade. Queremos convocar os investidores, como o Pat, a usar isso como uma oportunidade".

Fintechs já possuem 10% do crédito para empresas no Brasil

Julio Wiziack

BRÁSILIA As fintechs já concentram quase 10% da oferta de crédito a pequenas e médias empresas no Brasil. São cerca de R\$ 30 bilhões emprestados fora do sistema bancário tradicional.

As estimativas são das principais startups do mercado e levam em conta não somente o crédito direto (capital de giro, por exemplo), mas também transações como antecipações de recebíveis.

A totalidade dessas operações chega a R\$ 320 bilhões. Até setembro, as instituições reguladas pelo Banco Central fizeram R\$ 290 bilhões em empréstimos para empresas de pequeno e médio porte. Cerca de 1% desse bolo foi concedido por 59 fintechs.

No entanto, há ainda centenas de startups que oferecem diversos serviços financeiros, inclusive os de crédito. As transações desse segmento com pequenas e médias companhias, não registradas pelo BC, somam os R\$ 30 bilhões restantes.

Entre 2018 e 2021, a concentração entre os dez maiores bancos tradicionais na concessão de empréstimos para empresas caiu de 86% para 75%, segundo o BC.

Embora a participação das pequenas e médias tenha subido durante a pandemia causada pelo coronavírus, o volume total sofreu redução no período de quase R\$ 200 bilhões, entre 2019 e 2021. Esse movimento continuou em 2021.

Com o acesso aos bancos tradicionais dificultado no período, diversas empresas encontraram nas fintechs sua tábua de salvação.

"O maior foco das fintechs financeiras de crédito hoje são as pequenas e médias empresas", diz Renan Schaefer, presidente da Abfintechs, associação que representa o setor. "Os grandes bancos só estão ampliando sua atuação nesse público porque perceberam o potencial de perdas oferecido pelas startups".

Schaefer diz que os grandes bancos sempre preferiram atender empresas com faturamento acima de R\$ 100 milhões anuais. "As empresas com faturamento abaixo de R\$ 20 milhões sempre foram um nicho bastante mal atendido".

Não há dados oficiais precisos sobre o volume de crédito oferecido pelas fintechs porque nem todas as transações do segmento são reguladas.

Sandro Reis, presidente da Associação Brasileira de Crédito Digital, estima que as fintechs consigam operar com 50% dos custos dos bancos tradicionais. Esses ganhos são repassados para os clientes.

A Febraban (Federação Brasileira de Bancos) reclama da competição desigual que essas instituições vêm exercendo no país.

Nos últimos meses, o presidente da entidade, Istac Sidney, conversou com diretores do BC e representantes do Executivo e do Legislativo para tentar criar um ambiente regulatório que a entidade considera ser mais justo.

Se houvesse flexibilização para os bancos tradicionais, nos mesmos moldes em que operam as fintechs, a Febraban estima que o sistema financeiro teria potencial de R\$ 365 bilhões a mais em recursos livres para concessão de novos empréstimos por ano.